

Tema | Estação: Aldeias e paisagem | Bezeguimbra (estação A)

Local: Bezeguimbra

Ciências envolvidas: Ciências Naturais e Físico-química

Autores: alunos da turma 7ºG, da Escola Básica de Vila Verde



Grande parte de nós, que reside em meios mais urbanos, apesar de jovens, sentimo-nos recuar alguns anos, observando nesta estação habitações tipicamente rurais, infelizmente algumas delas abandonadas e em ruínas, mas que nos levaram a imaginar a viver naquele local, como se fosse no passado. Este recuo no tempo foi facilitado pelas histórias que nos foram sendo relatadas pelo investigador Francisco Álvares, antes de lá chegarmos (caça ao lobo, pastores a dormir em abrigos de granito sem qualquer conforto, etc.).

Trata-se de uma zona habitada essencialmente por pessoas idosas. Soubemos que o elemento mais jovem teria 20 anos.

As habitações daqui são graníticas, cuja rocha é maioritariamente porfiroide de grão grosseiro ou médio grosseiro, em que a mica predominante é a biotite. Encontramos um tanque, também granítico, junto a uma poça. Naquela, lavava-se a roupa no passado. Na poça, situada imediatamente abaixo, medimos alguns parâmetros da água, com a ajuda do professor de Físico-química: pH 6,12 e temperatura de 15,2º celsius. Neste pequeno e extraordinário ecossistema, o investigador recolheu uma pequena cobra de água, falando-nos sobre esta e outras espécies lá existentes (veja-se fotografia abaixo). Fora da poça, num pequeno ribeiro, observamos a rã ibérica (*Rana ibérica*) de cor laranja-acastanhada. Aprendemos na aula, ser muito sensível à poluição, sendo típica de habitats com água corrente, muito límpida e bem oxigenada. Desta forma, deduzimos outros parâmetros da qualidade da água, ou seja, a sua excelência. Esta rã é uma espécie muito ameaçada pela perda e destruição do habitat, poluição dos cursos de água, agricultura intensiva e práticas florestais não sustentáveis. Caso para deduzir que, por aqui, o homem vai vivendo em harmonia com a natureza, sem impactes negativos assinaláveis.

Observamos espigueiros, de épocas diferentes, mas com a mesma arquitetura, para que o milho não fosse ingerido (maioritariamente) pelos ratos, pois teriam dificuldade em aceder ao mesmo.

Atravessamos uma calçada, idêntica à dos tempos romanos, revelando que as suas gentes, utilizavam este recurso geológico local. Trata-se do mesmo granito acima descrito e utilizado nas restantes construções. A fotografia de pormenor desta calçada (veja-se abaixo) revela os fenocristais de feldspato, numa textura fanerítica de grão bem menos grosseiro, de quartzo e micas (essencialmente biotite), como revela a cor escura da rocha. As características desta rocha são igualmente visíveis nas alminhas. Encontrámos, no trilho Eco-lobo, um deste tipo de “pequeno altar”. Este local de culto religioso, teria um propósito de proteção e conforto, face às superstições e medos associados ao lobo. Esta alminha deverá ser do sec. XX, já que a imagem de cristo está pintada em azulejo, sendo a tipologia mais comum nesse século, segundo pesquisa nossa, sugerida em aula.



Pormenor de Bezeguimbra, com habitação, espigueiro, calçada, tanque e poça (na parte inferior da fotografia), tudo granítico



Arquitetura de casas tradicionais de Bezeguimbra





Paisagem de Bezeguimbra



Calçada granítica



Rua de Bezeguimbra, com espigueiro na esquerda e horta na parte inferior



Pormenor da calçada granítica



Espigueiro



Alminha



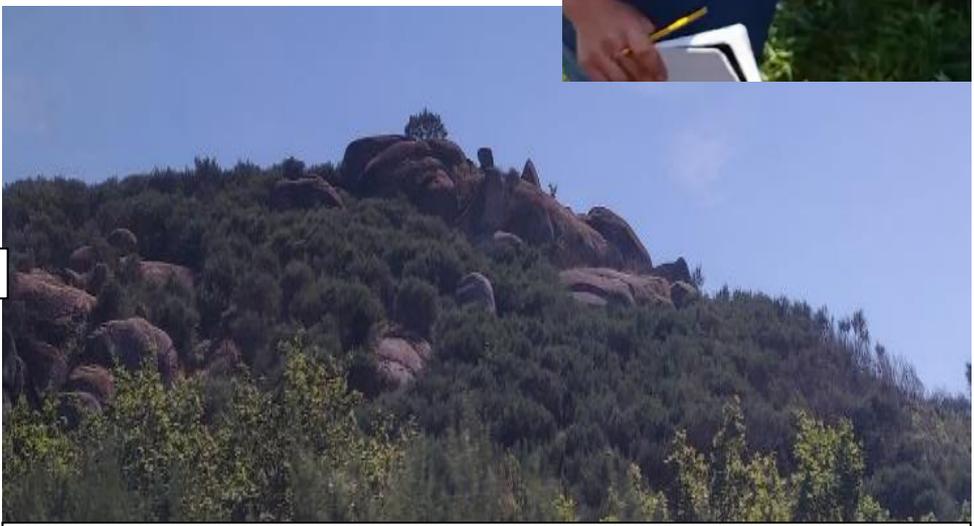
Rã ibérica, com a sua parte ventral mais clara que o dorso, este mais escuro



Cobra de água



Salamandra morta, encontrada junto à poça



Caos de blocos – rocha granítica típica da região, sendo um recurso geológico abundante, utilizado até aos dias de hoje